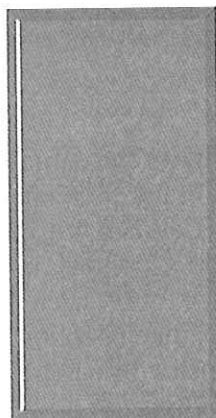


Paulo Celso da Silva (*)

Música e modernismo

(*) Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo e professor do Curso de Geografia na Universidade de Sorocaba – UNISO.



RESUMO

Aproveitando as comemorações dos 500 anos da chegada de Cabral nestas terras, a Coleção "Descobrindo o Brasil", dirigida por Celso Castro, reúne os mais variados temas: religião, ecologia, imigração, política, música, futebol, segundo a ordem dos lançamentos proposta. Este artigo pretende comentar, ligeiramente, o sexto volume dos vinte e quatro que compõem a coleção. Trata-se da obra de Elizabeth Travassos, **Modernismo e música brasileira** (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, 76 p.).

ABSTRACT

Taking advantage of the commemoration of the 500th anniversary of the arrival of Cabral in Brazil, the Collection "Descobrindo o Brasil" (Discovering Brazil), directed by Celso Castro, combines the most varied themes: religion, ecology, immigration, politics, music, soccer, according to the proposed order of appearance. This article intends to comment briefly on the sixth tome of the 24-volume collection. This study deals with the work entitled **Modernismo e Musica Brasileira** by Elizabeth Travassos (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, 76p.)

Começamos pela informação da contracapa, explicando a origem e a finalidade da Coleção "Descobrimdo o Brasil": "...*trata de temas da história e cultura brasileiras*". E continua a informação: "*Escritos por especialistas, em linguagem acessível a todos, são livros que buscam transportar o leitor ao palco dos acontecimentos. Um convite à aventura de se descobrir o Brasil, pelos mais diferentes caminhos*".

A autora da obra em apreço, Elizabeth Travassos, é Doutora em Antropologia, pesquisadora desde 1980, da música popular, e professora de Folclore e Etnomusicologia no Instituto Villa-Lobos, da Universidade do Rio de Janeiro. A obra está dividida em cinco partes (p. 9-10), a saber:

1. A fronteira entre música erudita e popular no início do século XX;
2. A Semana de Arte Moderna e a presença de Villa-Lobos;
3. O nacionalismo dos anos 20 e as idéias de Mário de Andrade;
- 4 e 5. A busca da verdadeira música popular e a ambigüidade da produção mercadológica.

Dividida em sete capítulos, a obra traz, como acréscimo, cronologia, referências bibliográficas e outras fontes, além de sugestão de leitura e pequena biografia da autora. Nas páginas 38 e 39, encontramos ilustrações e fotos de Mário de Andrade e Villa-Lobos e uma interessante charge de Raul Pederneiras sobre a geografia musical do Rio de Janeiro, nas *Scenas da vida carioca*, demarcando os bairros nos quais a música popular e erudita eram ouvidas.

A capa e a contracapa lembram Mário de Andrade, com a obra *Soirée de família* (presente o seu piano), de Noemia Mourão, num bonito contraste com o fundo azul. Penso que o leitor "não iniciado em música" terá as mesmas dificuldades encontradas em outras obras que abordam o tema.

Logo na Introdução (p. 7), mostrando as duas vertentes conflitantes que se encontram no final do século XX entre a música européia ensinada e tocada no Brasil e a música brasileira, ainda tentando se descobrir, a autora aponta para outros movimentos, como a vanguarda dodecafônica, a bossa nova, o tropicalismo. Cita autores em plena atividade artística, como Hermeto Paschoal e Egberto Gismonti e, no decorrer do texto, apresenta as obras de Villa-Lobos. Será que todos conhecem esses movimentos e músicos citados? Eis uma pergunta que não poderia deixar de ser formulada.

Em *Filosofia da Nova Música* (Perspectiva, 1974), T. W. Adorno busca analisar "por que a dissonância é mais racional que a consonância" sob o ponto de vista marxista. Trata-se de uma obra densa na qual desfilam autores como Stravinsky, Schoenberg, Webern, e menciona-se obras como

Concertino para Quarteto de Cordas, do primeiro; *Terceiro e Quarto Quarteto*, do segundo; *Trio para Cordas*, do último. Acreditando que o leitor “especialista e não-especialista” (contracapa) esteja ‘ouvindo’, contextualiza o cenário brasileiro do início de sua obra musical. O que normalmente acontece é que o leitor segue adiante sem entender a dimensão da revolução musical.

Fazer-se acompanhar de um Compact Disc (CD), como nas obras de Flo Menezes, *Música Eletroacústica. História e Estética* (EDUSP, 1996) e *Atualidade Estética da Música Eletroacústica* (UNESP, 1999), ajudaria bastante o leitor, porém elevaria o custo para o consumidor. No caso do livro discutido, o personagem Villa-Lobos é conhecido do grande público. Mas, será que sua obra o é?

Adentrando o texto de Elizabeth Travassos, a “Pequena digressão sobre pseudônimos” apresenta o cenário brasileiro do início do século XX, mostrando-nos a discriminação sofrida por artistas, quando compunham e tocavam gêneros populares (marchas, serestas, choros, música de cinema), citando, por exemplo, a declaração de Chico Bororó ou Francisco Mignone: “É que, naquelas priscas eras do começo do século, escrever música popular era coisa defesa e desqualificante mesmo” (p. 11).

Se há discriminação pelo público, o mesmo não acontece em relação às editoras, cinemas e teatros. Estes, com a visão mercantil do produto cultural que é a música, vêem a boemia, da qual a música faz parte, talvez como elemento essencial do setor de entretenimento.

O Brasil mudava, impulsionado pela burguesia urbana no grande centro paulista e carioca. A Semana de Arte Moderna (13, 15 e 17/2/1922) além da pintura, escultura e literatura, teve, na música, em Villa-Lobos, participação importante. É o que indica o capítulo *Villa-Lobos e os modernistas: um compositor na Semana de Arte Moderna* (p. 17-33).

Mário de Andrade, modernismo e nacionalismo (p. 33-51) é o capítulo mais extenso e demonstra a importância do autor de Paulicéia Desvairada para a teorização e crítica da música no Brasil, e o chamado modernismo nacionalista, predominante até os anos 40. Cinco são suas proposições (p. 33-4):

1. A música expressa a alma dos povos que a criam;
2. A imitação dos modelos europeus tolhe os compositores brasileiros formados nas escolas, forçados a uma expressão inautêntica;
3. Sua emancipação será uma desalienação mediante a retomada do contato com a música verdadeiramente brasileira;

4. Esta música nacional está em formação, no ambiente popular, e aí deve ser buscada;
5. Elevada artisticamente pelo trabalho dos compositores cultos, estará pronta a figurar ao lado de outras, no panorama internacional, levando sua contribuição singular ao patrimônio espiritual da humanidade.

Buscava-se o **regional** como fonte de inspiração e universalidade para a música brasileira, mas, para a erudição de Mário de Andrade, caberia aos “compositores cultos” a tarefa de traduzir o regional para o universal. Fica clara a intenção dos modernistas em romperem com a influência européia e, ao mesmo tempo, serem identificados como artistas universais, criativos e possuidores da admiração européia.

A cultura popular proposta e acalentada pelos modernistas na literatura (**Manifesto da Poesia Pau Brasil**, de Oswald de Andrade), nas artes plásticas (**Abaporu**, de Tarsila do Amaral) na música (**Choros nº 3**, de Villa-Lobos, em que o coro repete *Pica pau, Pau Brasil*) nada tem de sinônimo de cultura de massa, como a temos hoje. É o que *Folclore e Cultura de Massa* (p. 51-7) retrata.

O *Epílogo* (p. 61-5) começa com a afirmação: “A década de 30 é lendária para a música popular. O samba instituiu-se como gênero por excelência na consciência dos brasileiros”. No final da Segunda Guerra Mundial, as experiências sociais e políticas que o populismo havia engendrado mudaram a forma de pensar e viver o mundo. Nesse novo contexto de reestruturação, Hans Joachim Koellreutter, professor e músico alemão radicado no Brasil, lança, em 1946, um manifesto denunciando um “falso nacionalismo”. O dodecafonia de Koellreutter denunciava a fragmentação do período pós-guerra. Como falar em nacionalismo, progresso científico, depois da bomba atômica?

Camargo Guarnieri, discípulo de Mário de Andrade (falecido em 1945) reagiu: “...contra o dodecafonia as acusações de cerebralismo, ameaça à integridade da cultura musical brasileira, degeneração cosmopolita e elitismo” (p. 64).

Patrícia Galvão, a Pagu dos anos 30, sai em defesa do professor alemão, em artigo publicado no jornal *A Fanfulla* (1950), que traz o título “Lívio Abramo, um prêmio merecido – Camargo Guarnieri, um manifesto antidodecafônico”. Eis parte de sua crítica: “...Aí está o nosso compositor transformado em escriba comunistóide, em defesa da mais reacionária onda anticultural de nosso tempo. E, assim, a sua carta-manifesto não pode ser levada a sério, como argumentação contra a música dodecafônica. O que

aí se situa é apenas uma expressão facciosa". Elizabeth Travassos encerra seu livro com a frase lapidar: "...as chamadas polêmicas dodecafônicas...e tudo quanto se seguiu são outra história" (p. 65).

A obra ora discutida poderia ser mais abrangente. Porém, suas 75 páginas, deixam o sabor de "quero saber mais". E esse caráter inconcluso é positivo.

Fica a cobrança de um CD com, pelo menos, algumas músicas citadas ao longo do texto. Isso enriqueceria muito o entendimento do período abrangido, o que, por sinal, descobrimos somente no final do livro que é de 1890 –1930, mais ou menos.

A cronologia pára em 1933, sendo que Mário e Villa-Lobos, os "personagens principais" do livro, morreram muitos anos depois. Logo, caberia um acréscimo nas próximas edições.

Falta uma referência a Cornélio Pires (1884-1958), o primeiro a registrar em disco, no ano de 1929, anedotas e moda de viola com a *Turma Caipira Cornélio Pires*. Afinal, não é o modernismo nacionalista um dos aspectos abordados no livro?

Também precisa ser revista a página acrescentada pela editora, no final do livro. Ali, alguns títulos aparecem incompletos, faltando letras ou números,. Por exemplo: *Sistemas partidários 1945-20*. Tais erros não comprometem a obra resenhada, contudo, não poderia ser omitida essa observação.